

As Tentações de Santo Antônio de Flaubert e a Questão da Experiência de Espiritualidade no Deserto

FLAUBERT'S THE TEMPTATION OF SAINT ANTHONY AND THE MATTER OF THE EXPERIENCE OF SPIRITUALITY IN THE DESERT

*Sílvia Cristina Borragini Abuchaim**

*Nádia Vitorino Vieira***

*Viviane Cristina Cândido****

RESUMO

A obra de Gustave Flaubert *As Tentações de Santo Antônio* foi objeto de leitura compartilhada nos encontros do Grupo de Estudos de Filosofia, Espiritualidade e Saúde, ligado ao Grupo de Estudos de Filosofia da Saúde – UNIFESP/CNPq. O objetivo desse artigo é trazer nossas reflexões sobre a experiência de Antônio no deserto. O anacoreta egípcio viveu nos séculos III e IV e é considerado o Patriarca do monaquismo cristão. Para suportar décadas em total isolamento no deserto, atormentado sem tréguas pelas tentações provocadas por seus próprios demônios, Antônio buscou forças em sua fé incondicional em Jesus. Para nos situarmos no momento histórico, iniciamos o artigo com a hagiografia resumida de Santo Antônio, seguida por considerações sobre os primórdios do Cristianismo. Resgatamos experiências de deserto na tradição judaico-cristã e alguns aspectos do monaquismo cristão no deserto. Encerramos com comentários sobre o deserto em *As Tentações de Santo Antônio*.

PALAVRAS-CHAVE: Santo Antônio; Gustave Flaubert; Cristianismo primitivo; Monaquismo do deserto; Espiritualidade.

ABSTRACT

The work of Gustave Flaubert *The Temptation of Saint Anthony* was the object of shared reading on the meetings of the Grupo de Estudos de Filosofia, Espiritualidade e Saúde, connected to Grupo de Estudos de Filosofia da Saúde – UNIFESP/CNPq. The objective of this paper is to bring our reflections about the experience of Anthony in the desert. The Egyptian anchorite lived on the 3rd and 4th centuries and is considered the Father of Christian monasticism. To endure decades of total isolation in the desert ceaselessly haunted by temptations by his own demons, Anthony had to search for strength on his unconditional faith in Jesus. We present the summarized hagiography of Saint Anthony, followed by brief considerations about the Primitive Christianity for placement in the historical moment. We recover desert experiences in the Judeo-Christian and some aspects of the Christian monasticism in the desert. Ending with comments about the desert in *The Temptation of Saint Anthony*.

KEYWORDS: Saint Anthony; Gustave Flaubert; Primitive christianity; Monasticism of the desert; Spirituality.

* Mestre em Ensino em Ciências da Saúde CEDESS / UNIFESP, São Paulo, Brasil e pesquisadora do Grupo de Estudos de Filosofia, Espiritualidade e Saúde, vinculado ao Grupo de Estudos de Filosofia da Saúde – UNIFESP/CNPq, São Paulo, Brasil. silvia.abuchaim@unifesp.br <https://orcid.org/0000-0002-8610-6927>

** Doutora em Ciências pela Universidade Federal de São Paulo -Unifesp/Campus Baixada Santista, mestra em Filosofia, graduada em Psicologia e Filosofia. Psicóloga, técnica em assuntos educacionais e pesquisadora em Filosofia da Saúde – Centro de História e Filosofia das Ciências da Saúde – Escola Paulista de Medicina – Universidade Federal de São Paulo – EPM/UNIFESP. Vice-coordenadora do Grupo de Estudos de Filosofia da Saúde UNIFESP / CNPq, São Paulo, Brasil. nadia.vieira@unifesp.br <https://orcid.org/0000-0002-8610-6927>

*** Doutora em Ciências da Religião pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, mestra em Educação, graduada em Filosofia e Pedagogia. Docente adjunto e pesquisadora em Filosofia da Saúde – Centro de História e Filosofia das Ciências da Saúde – Escola Paulista de Medicina – Universidade Federal de São Paulo – EPM/UNIFESP. Coordenadora do Grupo de Estudos de Filosofia da Saúde UNIFESP / CNPq, São Paulo, Brasil. candido.viviane@unifesp.br <https://orcid.org/0000-0002-4164-0245>

Introdução

Um texto dramático e, ao mesmo tempo narrativo, um relato ficcional que se apropria da história como fonte de recriação. Referimo-nos à obra de Gustave Flaubert, publicada em 1874, seis anos antes de sua morte, *As Tentações de Santo Antão*. Há no texto uma densidade mística e indefinida, ocorre uma hibridização entre Literatura e História, pois Flaubert parte do fato histórico para a ficcionalidade (SOUSA, 2011).

Temos no presente artigo a pretensão de mostrar as articulações possíveis entre Filosofia, Literatura e Espiritualidade, a partir da leitura compartilhada da referida obra, desenvolvida ao longo de um semestre nos encontros do Grupo de Filosofia, Espiritualidade e Saúde. Trazemos o relato dessa experiência de leitura compartilhada, cujo objetivo era discorrer sobre a Espiritualidade mediada pela Filosofia e Literatura.

Tomamos para nossas reflexões a experiência no deserto vivenciada por Santo Antão. Objetivamos pensar essa experiência como uma *anakhóresis*, uma concentração da alma, um retiro em si mesmo, que permitiu a Santo Antão suportar as provações dolorosas e difíceis, além de resistir às tentações que amiúde lhe atormentavam.

Em muitas ocasiões, o homem se mistura com a obra. Ousamos fazer essa afirmação acerca de Flaubert e seus escritos sobre o anacoreta Santo Antão. Flaubert também se retira em si mesmo e o alucinante flagelo que o literato francês impõe ao Santo pode ser visto como uma alegoria de sua própria vida (BORGES, 2004). Haja vista que Flaubert foi processado, acusado de ofender à moral e à Igreja com sua obra *Madame Bovary*,

que causou frisson no século XIX na França. Ao ser indagado sobre quem lhe havia inspirado a escrever a história da jovem adúltera, respondeu: “Emma Bovary sou eu”.

Foucault (2009) comenta que Santo Antônio esteve presente na vida de Flaubert durante 25-30 anos. Desde criança encantava-se com a peça *O Mistério de Santo Antônio* no teatro de bonecos. Mas, o *insight* parece ter sido a leitura de Fausto de Goethe. Para Foucault (1995), *As tentações de Santo Antônio* é um livro “biblioteca”, ou seja, um livro feito de vários livros. Flaubert faz inúmeras referências, mas sua criatividade eclode na descrição das diferentes figuras míticas do oriente. Segundo Valéry, “Flaubert sempre foi assediado pelo Demônio do conhecimento enciclopédico (..)” (2004, p. 10). Dedicou-se a um trabalho infatigável de pesquisas bibliográficas, principalmente sobre a história das religiões e foi fortemente influenciado pelas artes visuais, frequentava museus enquanto escrevia a obra (SOUSA, 2011).

O intuito de Flaubert não era recontar a história da vida de Santo Antônio, mas mostrar a fragilidade humana diante dos vícios da gula, do poder, da sexualidade, da riqueza etc., presentes em cores vivas nas alucinações do asceta. A admiração do autor pelo Marquês de Sade fez-se notar na obra. Refletiu em um Antônio passivo e atônito, atormentado e herege, a sua própria fraqueza e falta de fé diante das tentações (BORGES, 2004).

Nesse artigo, trataremos um breve relato da hagiografia de Santo Antônio para adentrarmos na história desse ícone dos primórdios do Cristianismo, que viveu nos séculos III e IV. A biografia intitulada *Vida de Santo*

Antão, escrita por volta de 360 d.C. por Atanásio de Alexandria, amigo dileto de Antão, foi a fonte consultada. Na sequência, apresentaremos alguns aspectos do Cristianismo Primitivo para que possamos nos situar no tempo em que viveu Santo Antão e entender o momento histórico em que se encontrava. Como o deserto sempre esteve presente no simbolismo da tradição judaico- -cristã, relataremos algumas experiências vividas pelo povo hebreu à época de Moisés e a ressignificação do deserto com o advento do Cristo. Finalizaremos com a análise do monaquismo do deserto e o deserto em *As Tentações de Santo Antão*.

1. Hagiografia de Santo Antão por Santo Atanásio

Segundo Atanásio (s/d), Antão é considerado o Patriarca do monaquismo cristão, movimento que surgiu no Egito, no início do século IV, cuja proposta era a negação de si mesmo e do mundo e o isolamento em uma vida ascética, totalmente dedicada ao Cristo. “Então Jesus disse aos seus discípulos: Se alguém quer vir após mim, negue a si mesmo, tome a sua cruz, e siga-me” (Mateus, 16:24) (O NOVO TESTAMENTO, 2013, p.102).

Filho de família cristã, Antão nasceu em 251, no Egito. Órfão aos 20 anos foi sensibilizado pela fala do Cristo ao jovem rico: “Disse-lhe Jesus: Se queres ser perfeito, vai, vende os teus bens, dá aos pobres e terás um tesouro nos céus; vem e segue-me” (Mateus, 19:21) (O NOVO TESTAMENTO, 2013, p.115). Antão entregou sua única irmã a religio-

sas cristãs para que a criassem e educassem. Vendeu todos os seus bens e distribuiu o dinheiro aos pobres. Reservou uma pequena quantia para a própria sobrevivência.

Tocado por outra exaltação de Jesus: “Portanto, não vos inquieteis com o amanhã, pois o amanhã se inquietará consigo mesmo! Basta a cada dia o seu mal” (Mateus, 6:34) (O NOVO TESTAMENTO, 2013, p.57), doou também o pouco que havia reservado para si e decidiu viver como eremita. Desde que se retirou para a vida ascética iniciaram-se as lutas com os demônios. Antão tinha por armas as suas orações e a fé incondicional e inabalável em Jesus Cristo.

Aos 35 anos foi viver em uma das tumbas de um cemitério abandonado onde foi trancado, a seu pedido. Em uma noite foi açoitado por grande número de demônios, o que quase causou sua morte. Foi socorrido e retirado de lá desacordado, mas assim que voltou a si, retornou ao sepulcro. Na mesma noite, um terremoto se fez e imagens fantasmagóricas de leões, ursos, leopardos, touros, serpentes, víboras, escorpiões e lobos invadiram a tumba. Mais uma vez Antão resistiu.

Antão resolveu partir para o deserto, a fim de permanecer em absoluta reclusão. Pelo seu pioneirismo é considerado o pai da vida monástica. Encontrou um local abandonado na margem oriental do Nilo, em Pispir. Bloqueou a entrada e ficou totalmente isolado, sem receber ninguém. No entanto, a luta contra os demônios continuava.

Antão foi um modelo perfeito de vida ascética e solitária. Como relata Atanásio, somente depois de 20 anos de total reclusão, abandonou

seu refúgio e converteu-se em “Pai Espiritual” de jovens monges. O deserto ficou povoado e a montanha recoberta por celas monásticas¹. Apesar de as celas serem próximas, os monges só se encontravam algumas vezes por ano para determinadas orações.

No ano de 311, aos 55 anos, Antão desceu da montanha com seus discípulos e foi para a Alexandria confortar os cristãos perseguidos pelo Imperador Maximino Daia, na esperança de que também fossem martirizados por amor ao Cristo. Tão logo cessou a perseguição, retornaram as suas celas no deserto.

Antão sentiu a necessidade de se isolar novamente e partiu para a Alta Tebaida. A caminho, uma voz o alertou: “(...) Mas se realmente queres estar contigo mesmo, então vai-te ao deserto interior” (ATANÁSIO, s/d, p. 53). Somente na solidão de nosso deserto podemos “sentir” verdadeiramente Deus, o que vai além de acreditar. Quem encontra o manancial inesgotável da presença Divina terá criado em si um oásis em meio ao deserto.

Antão construiu uma cabana muito simples e viveu em extrema pobreza. Abstinha-se de todo conforto material para libertar-se das tentações da sensualidade. Dedicou-se à oração e à confecção de cestos e outros objetos para presentear os amigos que o visitavam.

¹ A palavra cela tem origem no latim *cella* que significa pequena câmara e no grego *naos* que significa câmara interna de um templo. Na tradição monástica refere-se às habitações individuais dos monges. No monaquismo cristão do deserto egípcio eram esculpidas nas montanhas rochosas e consideradas para o monge um lugar sagrado, onde se estabelecia sua conexão com Deus. HEDSTROM, Darlene L. Brooks. *The geography of the monastic cell in early egyptian monastic literature*. Church History 78:4 (December 2009), 756–791. doi: 10.1017/S0009640709990515

Os demônios não lhe davam tréguas. Em suas vigílias noturnas apareciam animais selvagens prontos a devorá-lo, monstros assustadores, seus pensamentos eram invadidos por toda espécie de obscenidades. Antão colocava-se de joelhos e orava fervorosamente. Afirmava com todas as suas forças ao perseguidor que era um servidor do Cristo. Foram muitas as lutas travadas, mas o eremita sempre se manteve firme e perseverante.

Por volta do ano 335, Antão voltou pela segunda e última vez à Alexandria para defender o Bispo Atanásio contra os arianos. Retornou pouco tempo depois à simplicidade de sua cabana, onde se sentia seguro e feliz.

Apesar de Antão desejar o isolamento, muitos o procuravam, pessoas de todas as classes sociais, clérigos e outras autoridades, inclusive o Imperador Constantino e seus filhos escreveram-lhe para solicitar orientação. Intercedia pelos doentes do corpo e da alma que lhe procuravam, ao orar e invocar o nome do Cristo, graças ao fervor de sua fé, muitas curas eram realizadas.

Santo Antão, segundo ele mesmo, suportou todas as provas, não por suas próprias forças, mas pela graça de Deus. Antes de morrer, aos 105 anos, em 17 de janeiro de 356, Antão disse aos dois discípulos que estavam com ele: “(...) não permitam que ninguém leve meu corpo para o Egito (...) façam-me vocês mesmos os funerais e sepultem meu corpo na terra, e respeitem de tal modo o que lhes disse, que ninguém, senão vocês, saiba o lugar.” (ATANÁSIO, s/d, p. 85-86).

Santo Antão poderia ser comparado a um personagem bíblico, também tentado pelo demônio: Jó. Iahweh disse ao Satã: “Reparaste no meu servo Jó? Na terra não há outro igual: é um homem íntegro e reto, que teme a Deus e se afasta do mal” (Jó, 1:8). Deus permitiu que o demônio retirasse tudo o que possuía e, ainda assim, Jó se manteve firme na fé. Deus lhe deu “o deserto como lar, o leito seco de lagos salgados como sua morada” (Jó, 39:6). Jó apresentava uma resiliência atroz, associada a uma compreensão desconcertante e se curvava perante a vontade de Deus: “Reconheço que tudo podes e que nenhum de teus desígnios fica frustrado” (Jó, 42:2) (BÍBLIA, 2002).

2. Cristianismo Primitivo

O Cristianismo Primitivo teve início em Jerusalém, após a crucificação de Jesus e o anúncio de sua ressurreição, mais efetivamente após o Pentecostes. Há controvérsias quanto ao seu término, provavelmente ocorreu em 313 d.C., com a promulgação do edito de Milão pelos imperadores romanos Constantino e Licínio.

Cristo tornou-se o centro da mensagem na pregação dos seus apóstolos e discípulos. Os primeiros seguidores de Jesus eram judeus, assim como o Mestre e seus apóstolos. Jesus jamais discriminou quem quer que fosse, nem mesmo os samaritanos, inimigos públicos dos judeus, ou as pessoas de má fama, como os publicanos e as prostitutas. A princípio, os ensinamentos de Jesus eram levados pelos seus discípulos apenas para os judeus, até que Simão Pedro recebeu uma mensagem do Alto para que

falasse sobre Jesus e o Reino de Deus também aos demais povos. Mas, foi Paulo de Tarso que após sua conversão, tornou-se o “Apóstolo dos Gêntios” (NOGUEIRA, 2015).

O Cristianismo nascente era considerado uma seita dentro do Judaísmo e, não se sabe exatamente em que momento, houve a ruptura e adquiriu identidade própria. As sinagogas eram abertas a quem quisesse comentar os ensinamentos bíblicos e os seguidores do Cristo valiam-se dessa prerrogativa para, na sequência da explanação, discorrerem também sobre Jesus e seus ensinamentos. No entanto, os cristãos em Jerusalém eram continuamente perseguidos pelos judeus (EUSÉBIO DE CESARÉIA, 2002).

Nero (54 d.C.-68 d.C.), em 64 d.C., foi o primeiro imperador romano a perseguir e martirizar os cristãos. Ainda assim, limitou-se aos cristãos de Roma e não estendeu a perseguição ao território dominado pelo império. Quando a revolta dos judeus contra os romanos estourou em 66 d.C., a maioria dos cristãos não se aliou a eles. Mudaram-se para outras cidades, o que só aprofundou o conflito já existente entre judeus e cristãos. Em 70 d.C., as forças romanas lideradas por Tito, filho do imperador Vespasiano, atacaram e conquistaram Jerusalém, e ainda, destruíram o templo. No fim do primeiro século, os judeus mudaram os seus serviços religiosos a fim de excluírem os cristãos de suas sinagogas. O que, a princípio, poderia ser entendido como prejudicial, foi favorável ao Cristianismo que ganhou independência e começou a se estabelecer como uma nova religião (EUSÉBIO DE CESARÉIA, 2002).

A fé, o batismo, a divisão do pão, a comunhão dos bens, a oração e o estudo dos ensinamentos de Jesus transmitidos pelos apóstolos caracterizavam a vida das comunidades cristãs primitivas. No livro de Atos, Lucas demonstra como o poder e a força do Espírito Santo foram fundamentais para o nascimento, estabelecimento e desenvolvimento das comunidades cristãs. Durante suas cerimônias recordavam a paixão de Cristo e sua ressurreição. Buscavam a simplicidade, uma vida no Espírito. Promoviam a solidariedade e a igualdade entre todos: ricos e pobres; poderosos e marginalizados; senhores, servos e escravos; pessoas de diferentes raças; homens e mulheres. A hospitalidade aos pobres e aos sofredores, independente de raças e religiões, era uma das características marcantes das comunidades cristãs primitivas. Praticavam o perdão e a reconciliação com o inimigo, como ensinou o Mestre. Sociologicamente, essas comunidades domésticas cristãs funcionavam como associações mais livres, democráticas e igualitárias. Respeitavam-se mutuamente e viviam como irmãos em Cristo. Observavam a máxima do Mestre: “amar a Deus sobre todas as coisas e ao próximo como a si mesmo” (EUSÉBIO DE CESARÉIA, 2002).

Os cristãos eram acusados injustamente de cometer atos torpes, como incesto, infanticídio e canibalismo. Marido e mulher consideravam-se irmãos em Cristo, o que era mal interpretado e gerava acusação de incesto. Quanto ao infanticídio, não só não o cometiam como recolhiam as crianças abandonadas, para que não morressem ou fossem escravizadas, e as criavam como filhas. Os cristãos primitivos alegravam-se em compar-

tilhar as refeições, partir o pão era um importante ato simbólico deixado pelo Mestre. A acusação de canibalismo devia-se ao fato de celebrarem o pão e o vinho como o corpo e o sangue de Cristo. Não cometiam adultério e nem crimes de qualquer espécie (NOGUEIRA, 2015).

Com as viagens missionárias iniciadas por Pedro e desenvolvidas efetivamente por Paulo, abriram-se igrejas domésticas em quase todo o mundo conhecido, à época dominado pelos romanos. Os encontros eram realizados nas casas daqueles que se voluntariassem para sediar a igreja. Reuniam-se para falar sobre Jesus, sua vida e seus ensinamentos. Dos anseios desses agrupamentos surgiram as epístolas. O Cristianismo se expandiu, cresceu e se fortaleceu (O NOVO TESTAMENTO, 2013).

Diversas perseguições aos cristãos aconteciam de forma isolada nas províncias que se encontravam sob o jugo do Império Romano. O Imperador Domiciano (81 d.C.-96 d.C.) não perseguia diretamente os cristãos, mas condenava por ateísmo todos os que não cultuavam aos deuses. No império de Trajano (98 d.C.-117 d.C.) houve um crescimento exponencial no número de cristãos, de diferentes classes sociais e não mais exclusivamente os desfavorecidos. O imperador deliberou que pelo simples fato de ser cristão ninguém deveria ser perseguido; e ainda, os que fossem denunciados e presos, se renegassem sua fé e prestassem culto aos deuses deveriam ser perdoados. No império de Marco Aurélio (161 d.C.-180 d.C.), a violência contra os cristãos se espalhou por todas as províncias, mas não houve uma lei imperial que determinasse a perseguição. Diversos levantes populares surgiram contra eles. O Cristianismo cresceu e se alas-

trou por todo Império Romano, tanto no governo de Marco Aurélio quanto no de Cômodo (180 d.C.-192 d.C.), o que gerou perdas e ganhos para os cristãos (DE BONI, 2014).

Infelizmente, perdeu-se a simplicidade e a pureza das comunidades cristãs primitivas existente até então, que viviam a essência dos ensinamentos dos Apóstolos do Cristo e de seus discípulos diretos. Não mais o povo pobre e humilde, a fé genuína e desinteressada em Jesus e na Boa Nova, as reuniões noturnas nas catacumbas e nos subterrâneos, partir e compartilhar o pão, a entrega dos bens de cada um para divisão equitativa entre os membros das comunidades; agora, uma nova realidade. Mas, é inegável que o aumento considerável de cristãos trouxe ganhos para o Cristianismo nascente. Importantes intelectuais da época converteram-se ao Cristianismo. Com isso, surgiu no final do século II, a famosa Escola de Alexandria, que teria o *status* atual das universidades, onde destacaram-se os mestres cristãos Clemente de Alexandria e Orígenes (DE BONI, 2014).

Até o ano 250 d.C., as ações contra os cristãos pelo Império Romano, como vimos, eram esporádicas e aplicadas pelos governadores das províncias ou pela turba amotinada e não pelo imperador, tanto que não houve um edito imperial de perseguição aos cristãos. No ano de 250, Décio (249 d.C.-251 d.C.), que já havia iniciado a perseguição aos cristãos em Roma, lançou um edito que ordenou o culto aos deuses pagãos em todo o Império Romano e a punição àqueles que não obedecessem. Em 257, Valeriano (253 d.C.-260 d.C.) proibiu os cristãos de se reunirem, sob pena de morte, confiscou cemitérios, exilou bispos, padres e diáconos. Em

258 d.C. promulgou novo edito que decretava crime o simples fato de ser cristão.

Já, o Imperador Galieno (260 d.C.-268 d.C.) revogou os editos anteriores e deu liberdade aos cristãos para organizarem suas reuniões, devolveu-lhes os cemitérios e autorizou a realização de seus cultos domésticos. Seguiram-se quatro décadas de tranquilidade para os cristãos frente ao Império Romano.

A partir do ano 303 d.C. iniciaram-se grandes perseguições aos cristãos. A mais cruel e sangrenta foi decretada pelo Imperador Diocleciano (284 d.C.-305 d.C.), no início do ano de 303 d.C., onde muitos mártires pereceram. Para dissuadir o povo de converter--se ao Cristianismo, o Imperador Maximino Daia (303 d.C.-313 d.C.) perseguia os cristãos, indignado com o fato de se recusarem a venerar os deuses de Roma. O Imperador Galério (305 d.C.-311 d.C.), já no final do seu reinado, emitiu um edito de tolerância e tornou o Cristianismo uma religião lícita no Império Romano (DE BONI, 2014).

Constantino (306 d.C.-337 d.C.), com o edito de Milão, em 313 d.C., acabava oficialmente com toda perseguição aos cristãos pelo Império Romano. O próprio Imperador converteu-se ao Cristianismo e favoreceu a Igreja Católica com propriedades, verbas e apoio. No período de 20 de maio a 19 de junho de 325 d.C., Constantino promoveu o primeiro concílio ecumênico cristão, o Concílio de Niceia, em que participaram 318 bispos. O Credo Niceno que acreditava em Jesus como Deus foi chancelado e o Arianismo que defendia Jesus como filho de Deus, como criatura e não como Divindade, foi refutado. Foi em 27 de fevereiro de 380 d.C., que o

Imperador Teodósio I (379 d.C.-395 d.C.), com o edito de Tessalônica, oficializou a religião católica como oficial do Império Romano. Cinco bispos que residiam em cidades do Império Romano, afirmavam-se herdeiros dos apóstolos de Jesus. Surgia, então, a igreja católica, apostólica e romana, que sobreviveu à queda do Império Romano (DE BONI, 2014).

3. Experiências no Deserto

O conteúdo apresentado nesse subtítulo foi extraído da *Bíblia* (2002) e de *O Novo Testamento* (2013), uma vez que a tradição judaico-cristã é marcada pelo símbolo do deserto. A experiência no deserto leva o homem a aproximar-se de Deus, o Judaísmo e o Cristianismo nascem no deserto, ou melhor, nascem em meio à solidão do deserto.

No Êxodo, um dos cinco primeiros livros da Bíblia designados como Pentateuco, encontramos a trajetória do povo hebreu da saída do Egito, após quatro séculos de escravidão, à chegada em Israel, a terra da promessa. Liderados por Moisés e, após sua morte, por Josué, conhecemos as lutas, as tentações, as dificuldades e as divergências durante a travessia. A narrativa está coberta de simbolismos. O povo hebreu simboliza toda a humanidade em sua jornada de desapego à materialidade rumo à comunhão espiritual com o Criador.

Moisés não poderia falar de Deus como um Pai amoroso, de infinita bondade e misericórdia, precisou apresentar àquele povo ainda selvagem, embrutecido e de difícil trato, um Deus justiceiro e vingativo para que o temessem e respeitassem.

A primeira tentação a que foram submetidos foi a fome e a segunda, a sede. Isso ocorreu logo no início da jornada. Revoltaram-se contra Deus e contra Moisés e ameaçaram retornar ao Egito. Esbravejavam que se fosse para deixá-los morrer de fome e de sede na aridez do deserto, deveriam tê-los deixado na escravidão, onde pelo menos não lhes faltava o alimento e a água. A fé que os hebreus tinham em Deus era totalmente condicional, ou seriam atendidos em suas necessidades materiais ou deixariam de crer. A terceira tentação ocorreu quando Moisés subiu ao Monte Sinai para receber as orientações de Deus. Após 40 dias duvidaram do retorno de Moisés e decidiram fazer um bezerro de ouro para adorar. A fragilidade da fé desse povo fez com que deixassem de acreditar na providência e na misericórdia Divina e voltassem às crenças egípcias. Moisés recebeu os dez mandamentos da lei de Deus, gravados em duas tábuas de pedra que foram guardadas na Arca da Aliança, construída especialmente com essa finalidade.

A missão de Moisés era conduzir o povo hebreu até as proximidades da terra da promessa. Foi sucedido por Josué, que tem o mesmo nome em hebraico de Jesus. Josué, auxiliado por Caleb, num esforço heroico, penetrou a terra desconhecida, venceu os primeiros obstáculos e conduziu o povo hebreu para a terra da promessa, onde jorravam fontes inesgotáveis do leite da sabedoria e do mel do amor Divino.

Jesus veio completar a primeira revelação ao inaugurar um novo êxodo e conduzir o povo à comunhão com o Pai. Ainda muito preso à materialidade, a maior parte do povo judeu não aceitou Jesus porque acre-

ditava que o Messias seria mandado por Deus para libertá-los do jugo do Império Romano. Mais uma vez a fé estreita, limitada e condicional.

O Cristo ensinou que o Criador era eterno, infinito, imutável, imaterial, único, onipotente, soberanamente justo e bom. A libertação trazida por Jesus foi a salvação do espírito imortal e a condução da humanidade às diversas moradas da casa de um Pai que nos ama infinita e incondicionalmente. O Mestre dizia que a construção do Reino de Deus deveria ocorrer em nosso deserto interior e, então, em perfeita comunhão com o Criador, chegaríamos na verdadeira terra da promessa. Muitos não tinham ainda alcance para assimilar os ensinamentos do Cristo. Na verdade, a maioria de nós ainda não tem esse entendimento, continuamos presos à materialidade e esquecidos dos valores espirituais.

Após a vinda de Jesus, a terra prometida foi ressignificada, deixou de ser um local físico e se tornou uma condição espiritual. A proteção de Deus está em toda parte, não se limita a um local ou a um povo, mas estende-se a toda a humanidade. Tanto o deserto quanto a jornada mudaram de aspecto. A terra prometida pelas Divinas revelações é o Evangelho de Jesus, não os textos, mas a vida do Cristo, o único ser a habitar entre nós e permanecer na mais perfeita integração com Deus, vivida e exemplificada em cada instante de sua existência.

Na nossa jornada para alcançarmos a comunhão com o Pai teremos que vencer o ainda tão desconhecido deserto de nós mesmos. Assim como na passagem em que Jesus, à beira do poço, pede à mulher samaritana que lhe dê água, só poderemos ser dessedentados em nosso deserto interior pela água viva do Cristo:

(...) Jesus lhe disse: Se conhecesses o dom de Deus, e quem é aquele que te diz “Dá-me de beber”, tu lhe pedirias e {ele} te daria água viva. (...) Todo aquele que bebe desta água terá sede novamente. Mas, quem beber da água que eu lhe der, nunca mais terá sede; ao contrário, a água que eu lhe der se tornará, nele, uma fonte de água jorrando para a vida eterna (João, 4:10, 13-14). (O NOVO TESTAMENTO, 2013, p. 404).

Os textos bíblicos são repletos de simbolismos e o deserto é o cenário de muitas passagens. Lemos no capítulo 4 de Mateus: “Então, Jesus foi conduzido pelo espírito ao deserto, para ser tentado pelo diabo” (Mateus, 4:1) (O NOVO TESTAMENTO, 2013, p. 46). Acreditamos nessa passagem como mais uma das parábolas contadas por Jesus. O Cristo não poderia ter sido arrebatado, uma vez que o Espírito do mal nada poderia sobre a essência do bem. Jesus queria nos alertar sobre a necessidade de estarmos sempre vigilantes para não cairmos em tentações. Estamos sujeitos a ceder às más inspirações pelas imperfeições que ainda carregamos e pela fragilidade de nossa fé. Jesus ficou 40 dias no deserto em perfeita comunhão com o Pai, com o intuito de preparar-se para iniciar a sua missão de anunciar o Reino de Deus. Segundo a parábola, foi submetido a três tentações, assim como o povo hebreu que ficou 40 anos no deserto. Em suas respostas, Jesus nos traz três grandes ensinamentos: “nem só de pão viverá o homem” – não somos um corpo que carrega um espírito, mas um espírito que habita um corpo – não temos apenas carências materiais, mas, sobretudo, carências espirituais; “não tentarás ao senhor teu Deus” – o Pai atende às nossas necessidades e não aos nossos caprichos – estamos em um educandário; “somente a Deus adorarás e a Ele prestarás culto!” – não devemos cultuar ou adorar nada e nem ninguém além do Criador.

João Batista, precursor de Jesus, aquele que clamava no deserto, batizava nas águas do rio Jordão e anunciava a vinda do Messias. João foi o último profeta enviado pelo Senhor para ensinar os homens a viverem de acordo com os mandamentos divinos. Após o falecimento de seus pais foi criado junto à comunidade do deserto. Jesus, por vezes, buscava um lugar deserto para que pudesse aquietar-se e conectar-se com o Pai. O deserto também era o local de eleição para as reflexões mais profundas dos apóstolos e discípulos do Cristo. Privados de água, de alimento, castigados pelas intempéries, fragilizados, sentiam-se mais próximos de Jesus e de Deus. Ao adentrarem seu deserto interior, sentiam a presença do Cristo, podiam ouvi-lo e, por vezes, vê-lo. Conversavam com o Pai misericordioso e amoroso que o Mestre lhes apresentara e recebiam seus sábios conselhos no âmago de suas almas.

Por muito tempo buscamos os desertos exteriores, por acreditar que ali encontraríamos a paz e estaríamos em profunda comunhão com o Cristo, quando na verdade, Jesus fala conosco em nosso deserto íntimo. “Diz-lhes: Vinde vós mesmos para um lugar ermo, em particular, e descansai um pouco! (...)” (Marcos, 6:31) (O NOVO TESTAMENTO, 2013, p. 189). Precisamos nos refugiar em nosso templo interior para cultivar os interesses de nossa alma e repousar a mente e o coração na prece. O Mestre aguarda os aprendizes sequiosos de luz Divina para o repouso construtivo em seu regaço.

Este lugar encontra-se na câmara silenciosa, no templo secreto de nossa alma. Os estoicos o denominam *hegemonikón*, o ponto supremo e

mais nobre da alma, do qual procedem todo o conhecimento e toda a tendência, é a parte principal da alma, da qual se originam as representações e os impulsos, e tem sua sede no coração (VIEIRA, 2002).

Nos momentos em que a presença Divina parece não se mostrar, simbolizados pelo deserto em nossas vidas, devemos entender que é chegado o momento da introspecção. Essa experiência é um convite do Pai para mergulharmos em nós mesmos, para descermos mais fundo em nosso deserto interior, a fim de fincarmos raízes que não mais nos faltarão e buscarmos a permanência que há por dentro de nós (FRANÇA, 2019).

4. Monaquismo do Deserto

O movimento monástico do deserto teve início com Santo Antão nos primórdios do século IV. A tríade estabelecida pelo monacato era: o silêncio, a oração e a renúncia de si mesmo. O Cristianismo havia mudado, não mais a vida de sacrifícios e dificuldades dos primeiros tempos, mas templos suntuosos, que em nada recordavam a simplicidade recomendada por Jesus (LACARRIÈRE, 1996).

Com a paz que se estabeleceu após o edito de Milão, em 313 d.C., o Império Romano julgou-se no direito de interferir no Cristianismo. Isso gerou insatisfação nos verdadeiros cristãos, que tinham por ideal o martírio, cultivavam a pureza de sua fé no Cristo Jesus e não encontravam sentido em igrejas ricamente adornadas às custas do império. Os bispos cristãos das principais cidades do império passaram a gozar de prestígio social, de poder político e de um tipo de influência na sociedade que era

impensável até então. Além disso, houve uma decadência no nível religioso e moral das comunidades cristãs, o que favoreceu o surgimento do movimento monástico. Submetiam-se os que aderiram ao monaquismo cristão a uma vida de sacrifícios no deserto, com o mínimo necessário para sobrevivência, em total insulamento, na tentativa de viver com plenitude e autenticidade o Evangelho do Cristo (NOGUEIRA, 2015).

Os eremitas acreditavam ouvir o Senhor apenas no silêncio da clausura e na quietude do deserto, por isso buscavam uma vida de pleno isolamento. O deserto exterior facilitava ao monge o acesso ao seu deserto interior. O insulamento, a oração, o silêncio, a ascese, o jejum, a renúncia de si mesmo, possibilitavam um constante pensar em Deus. Travava-se um verdadeiro combate espiritual, onde a fé incondicional, firme e robusta derrotava os demônios e os vícios. A serenidade alcançada, um coração livre das paixões, os conduziam ao prêmio almejado: uma vida em Deus (KIRCHNER, AMADEU, 2019).

Deus nos fala no silêncio de nossa intimidade. Jesus quando queria conversar com o Pai, afastava-se da turba, recolhia-se em silêncio para que a conexão acontecesse. Precisamos aquietar a mente e o coração para que a voz do silêncio se faça ouvir. O silêncio promove a disciplina espiritual e favorece o autoconhecimento que nos possibilita o domínio sobre nossos instintos e paixões (NOUWEN, 2000; GRÜN, 2010).

Uma oração singela, uma simples frase, foi bastante utilizada pelos anacoretas: “Jesus, filho de Deus, tende piedade de mim”. O que importava era que o coração do monge do deserto falasse ao coração do

Cristo e que essa união fosse ininterrupta. Afinal, rezar nada mais é do que ficar na presença de Deus com a mente no coração (NOUWEN, 2000; GRÜN, 2010).

A oração mais agradável a Deus é, sem dúvida, a que vem do coração. A oração deve ser breve, frequente e silenciosa “Tu, porém, quando orares, entra no teu quarto interno e, tendo fechado a porta, ora ao teu Pai em segredo e teu Pai, que vê no segredo, te recompensará” (Mateus, 6:6) (O NOVO TESTAMENTO, 2013, p. 55). A oração do coração conduzia o monge a experiências místicas inimagináveis, graças à leveza alcançada pelo seu espírito e a sua comunhão com Deus (KIRCHNER, AMADEU, 2019).

Na vida monástica, para que se pudesse ouvir a voz que clamava no deserto interior, era necessária a renúncia de si mesmo, inclusive da própria vida, dos entes queridos e de tudo que pudesse trazer conforto material. A renúncia deveria ser totalmente desprovida de interesses pessoais. O ato de renunciar proporcionava ao monge do deserto uma grande liberdade interior (NOUWEN, 2000; GRÜN, 2010).

A espiritualidade do deserto se fazia como um caminho de silêncio, solidão e oração. Segundo Nouwen, “(...) os monges do deserto não achavam que a solidão era estar a sós, mas sim estar com Deus. Não achavam que estar em silêncio era não falar, mas, sim, escutar a Deus.” (2000, p. 63).

O movimento monástico entendia a experiência do deserto como um meio de transformação e enriquecimento. Assim como a dor, o deserto exterior nos iguala, não importam os títulos, as posses, os conhecimentos,

todos iremos encarar as intempéries e adversidades. Para sobrevivermos no deserto é necessário que passemos por um processo de desconstrução, para alcançarmos e entendermos a nossa mais pura essência; e de reconstrução, para que saíamos transformados. Ao mesmo tempo que o deserto traz à tona nossas fraquezas, nos coloca diante da grandeza de Deus. Temos uma alternância constante dos sentimentos de consolação e desolação (FRANÇA, 2019).

Podemos vislumbrar uma ambiguidade na conceituação do deserto, ora considerado como habitação privilegiada de Deus, ora como morada do demônio, símbolo do obscuro e sem vida. A verdadeira finalidade da vida ascética é buscar a Deus, ainda que na trajetória as tentações do mal tenham que ser enfrentadas e vencidas. À medida que o progresso espiritual avança, o deserto se converte em lugar privilegiado de encontro pessoal e místico com Deus (ANASTÁCIO, s/d).

5. Deserto em *As Tentações de Santo Antão*

Como recurso literário, o deserto tem-se apresentado de forma ambígua, pois ao mesmo tempo que traz a ideia de um lugar onde sentimos a presença de Deus, mostra-se como o local preferido das tentações do mal. Andrade (2010) revela que o deserto bíblico é uma zona de transição entre uma terra fértil e árida, muitas vezes com o significado de conduzir e apascentar rebanhos, e outras de ruína, devastação e desolação.

Flaubert recria a história de Santo Antão, mas tira dele a impetuosa resiliência, a fé inabalável e a obediência cega aos princípios Divinos.

Caracteriza Antão com as imperfeições e fragilidades humanas diante das tentações. Olha para um espírito iluminado com as lentes poluídas com que se deve olhar para a humanidade ainda tão pouco evoluída. É como se ao invés de enfrentar e vencer corajosamente as tentações, Antão se escondesse e esperasse tudo acabar. Desveste Antão de sua força moral e espiritual para vesti-lo com a nossa frouxidão e fé condicional (FLAUBERT, 2004).

De acordo com Valéry “Suas reações são de uma fraqueza desconcertante. Surpreende-nos que não seja seduzido ou encantado (...) É mortalmente passivo; não cede nem resiste (...)” (2004, p. 10).

A genialidade de Flaubert nos transporta para o cenário em que habita Santo Antão: a choupana de lodo e palha, o livro aberto no chão, o cesto e a esteira de palha, uma moringa, o charco que remete ao Nilo. Encontramos um ancião de cabelo comprido e barbudo. A Bíblia já não lhe serve como um escudo protetor. Tem sua fé abalada e começa a questionar o porquê da sua miséria e privações.

Numa noite em seu exílio, Antão sente fome. Depois de uma longa busca, encontra apenas uma pequena casca de pão, que havia sido devorada pelos chacais. Revolta-se e arremessa a casca para longe. Vê surgir perante seus olhos, uma mesa posta com requinte, repleta de diferentes e saborosas comidas, carnes, peixes, aves, pães, todos os tipos de doces. Dilata as narinas o máximo que consegue, chega a babar por aquelas iguarias, mas resiste, recua e chuta a mesa, que imediatamente desaparece. Antão exclama: “Ah, a tentação era terrível. Mas como me livrei dela!” (FLAUBERT, 2004, p.27).

Flaubert nos apresenta um eremita que busca na aspereza do deserto encontrar a si mesmo, mas se depara com a fragilidade do humano. Confuso, passivo, assustado, inseguro, um fraco, digno de piedade. Não se deixa seduzir, mas também não consegue se armar e se defender com sua fé, apenas espera que tudo acabe. Antão submete-se a um rigoroso jejum, alimenta-se uma única vez ao dia, com pão, água e sal. Acredita que com isso enfraquecerá as tentações da sexualidade, mas de nada adianta, o diabo incute-lhe pensamentos obscenos. O diabo usa os desejos inconfessáveis de Antão para tentá-lo. Antão teme se deixar seduzir pelas imagens materializadas, recusa-se a olhar para elas.

Antão precisa vencer as tentações com determinação, fortalecer sua fé a fim de que possa transcender a Deus e conquistar a santidade. As tentações provêm de diversas culturas, religiões e mitologias, são filósofos, profetas, hereges de todo tipo, monstros e aberrações mitológicas. As idas e vindas do diabo para levar Antão ao desânimo, fazê-lo perceber a pequenez de sua natureza, sucumbir aos seus mais secretos desejos, falham. Mesmo que Antão, por vezes, tenha quase cedido e se deixado seduzir, seu propósito de ser santo é maior que as tentações que enfrenta. Encontra forças para reagir e refutá-las.

Segundo Miguelote (2007), ao mesmo tempo que o instinto de conservação faz com que Antão se preserve, há nele uma forte determinação em conciliá-lo com o desejo de destruição e degradação. A vontade de Antão de ser devorado pelo informe é expressa nas últimas linhas de *As Tentações de Santo Antão*:

Sílvia Cristina Borragini Abuchaim
Nádia Vitorino Vieira
Viviane Cristina Cândido

“gostaria de (...) estar em tudo, me evaporar com os aromas, crescer como as plantas, correr como a água, vibrar como o som, brilhar como a luz, me enroscar em todas as formas, penetrar cada átomo, descer até o âmago da matéria – ser a matéria”. (FLAUBERT, 2004, p. 165).

Flaubert nos conduz à percepção de que o encontro com a religiosidade e a espiritualidade confluem para o encontro do ser humano consigo mesmo, que se realiza em seu deserto interior, na luta com seus próprios demônios.

Considerações Finais

Segundo a hagiografia escrita por Atanásio (s/d), Santo Antônio submeteu-se a uma vida de sacrifícios, por amor a Jesus Cristo. Desde que ouviu o chamado do Mestre, a sua existência foi de total abnegação e renúncia de si mesmo. Viveu por quase oito décadas no deserto em busca da conexão com Deus. Suportou, enfrentou e venceu corajosamente as ininterruptas e terríveis tentações demoníacas.

Desde os seus 20 anos de idade, Antônio experienciou a essência do Cristianismo do período apostólico do século I, em toda a sua pureza, apesar de ter vivido nos séculos III e IV. Não acreditava encontrar Deus nos suntuosos templos construídos e mantidos pelo Império Romano. Não se envolvia em questões políticas e não queria autopromoção. Não se engrandeceu e nem se abalou quando Constantino o procurou. O Imperador Romano recebeu de Antônio a mesma atenção e o mesmo carinho que dispensava a todos.

O deserto na tradição judaico-cristã tem um simbolismo muito forte. Para o ascetismo judaico, cristão e islâmico, o controle dos desejos da carne é um caminho para se alcançar o Divino, assim, a experiência do deserto pressupõe a negação dos prazeres do corpo para se atingir o paraíso.

Toda a trajetória do povo hebreu teve por cenário o deserto. Foi na travessia do deserto que Moisés libertou o povo hebreu da escravidão no Egito, foi no deserto que Moisés recebeu os Dez Mandamentos da Lei de Deus. Quantas vezes Jesus atravessou o deserto para ir de Cafarnaum a Jerusalém, além de tantos outros trajetos percorridos pelo Cristo no deserto para levar o conhecimento do Reino de Deus ao povo.

Considerado o Patriarca do monaquismo cristão, Antão vivia em total solidão no deserto do Egito, jejuava constantemente, só se alimentava com o mínimo necessário para a sobrevivência, orava com muito fervor e diversas vezes ao dia, na constante busca de comunhão com o Cristo.

Flaubert se viu em Antão, colocou-se na cabana do anacoreta e tomou o seu lugar na história. Mas, faltava a Flaubert a grandeza e a pureza do espírito de Santo Antão, assim como não possuía a fé incondicional em Jesus que fortalecia o eremita nas lutas contra as trevas. O Antão de Atanásio venceu “As Tentações”, enquanto o Antão de Flaubert foi vencido por elas.

De todo modo, olhar para Flaubert, para seu Antão e para o Antão de Santo Atanásio é olhar para nós mesmos, como seres humanos, e é aqui que se encontram a filosofia, a espiritualidade, a literatura e a saúde. Se,

Sílvia Cristina Borragini Abuchaim
Nádia Vitorino Vieira
Viviane Cristina Cândido

para o Antão de Atanásio, na solidão de nosso deserto podemos verdadeiramente “sentir” Deus, o que vai além de acreditar, Flaubert e seu Santo Antão evidenciam o ser humano entregue a si mesmo. A fragilidade de nossa condição – a humana – exposta nos momentos em que se esvai a saúde e revela--se a doença ou aproxima-se a finitude revela o momento da busca pela espiritualidade e a necessidade de que esta faça parte de nossas reflexões e ações em Saúde.

Referências Bibliográficas

ANDRADE, Aíla L. Pinheiro. A presença de Deus no deserto. Contemplação – Revista Acadêmica de Filosofia e Teologia da Faculdade João Paulo II, Marília, v. 1, n. 1, p. 28-37, 2010.

ATANÁSIO, Santo. Vida de Santo Antão. Tradução por Bibliotheca Patristica. Petrópolis-RJ: Mosteiro da Virgem, s/d.

BÍBLIA. Bíblia de Jerusalém. São Paulo: Paulus, 2002.

BORGES, Contador. A santidade em crise. In: FLAUBERT, Gustave. As tentações de Santo Antão. São Paulo: Iluminuras, p. 221-240, 2004.

DE BONI, Luis Alberto. O estatuto jurídico das perseguições dos cristãos no império romano. *Trans/Form/Ação*, Marília, v. 37, p. 135-168, 2014. Edição Especial.

EUSÉBIO DE CESAREIA. História eclesiástica. Tradução por W. Fischer. São Paulo: Novo Século, 2002.

FLAUBERT, Gustave. As tentações de Santo Antão. São Paulo: Iluminuras, 2004.

FOUCAULT, Michel. Posfácio a Flaubert (A Tentação de Santo Antão). In: MOTTA, Manoel Barros da (Org.). Michel Foucault. 1926-1984. Estética: literatura e pintura, música e cinema. Tradução: Inês Autran Dourado Barbosa. 2.ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, p. 75-109, 2009. (Ditos e escritos, v. III.)

_____. La bibliothèque fantastique À propos de la tentation de saint Antoine de Gustave Flaubert. Paris: La Lettre Volée, 1995. Disponível em <https://doc.rero.ch/record/234734/files/Michel-Foucault-LBF.pdf>. Acesso em: 10 maio 2021.

FRANÇA, Cícero Alves. Espiritualidade no deserto: uma proposta moderna para uma espiritualidade de exílio e encontro. *Revista Eletrônica Espaço Teológico*, São Paulo, v. 13, n. 23, jan/jun, p. 50-57, 2019.

Sílvia Cristina Borragini Abuchaim
Nádia Vitorino Vieira
Viviane Cristina Cândido

GRÜN, Anselm. Os padres do deserto: temas e textos. 2. ed. Tradução por Edgar Orth. São Paulo: Vozes, 2010.

KIRCHNER, Renato; AMADEU, Robison Moreli. A pureza de coração e a caridade perfeita: a espiritualidade dos monges do deserto segundo João Cassiano. Revista Pistis & Praxis: Teologia e Pastoral, Curitiba, v. 11, n. 1, p. 192-215, jan./abr., 2019.

LACARRIÈRE, Jacques. Padres do deserto: homens embriagados de Deus. São Paulo: Loyola, 1996.

MIGUELOTE, Carla. Flaubert: Entre a Forma e o Informe. Terra roxa e outras terras – Revista de Estudos Literários, v. 10, p. 99-106, 2007.

NOGUEIRA, Paulo Augusto de Souza. O Cristianismo primitivo como objeto da história cultural: delimitações, conceitos de análise e roteiros de pesquisa. Antíteses, v. 8, n. 16, p. 31-49, jul./dez., 2015.

NOUWEN, Henri. A espiritualidade do deserto e o ministério contemporâneo. O caminho do coração. São Paulo: Loyola, 2000.

O NOVO TESTAMENTO. Tradução por Haroldo Dutra Dias. Brasília: FEB, 2013.

SOUSA, Wanély Aires. Literatura e História nas Tentações de Santo Antônio de Gustave Flaubert. Revista CEPPG, n. 24, p. 171-178, 2011.

VIEIRA, N. V. A Filosofia estoica de Marco Aurélio Antonino e o cuidado de si. Dissertação (Mestrado em Filosofia) - Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. São Paulo, p. 120. 2002

VALÉRY, Paul. A tentação de (São) Flaubert. In: As tentações de Santo Antônio. São Paulo: Iluminuras, p. 7-12, 2004.